

Dívida do município

Pública 25 SET 1987

assusta vice-prefeito

ESTADO DE SÃO PAULO

Inseguro, o prefeito em exercício, Ailton Muniz Menezes, se atrapalha ao tentar explicar os trâmites do processo e não abria mão da presença do secretário municipal Raimundo Gomes de Souza, da Fazenda, checando sempre se os números citados eram corretos. Ontem, a grande dúvida da prefeitura era a própria interpretação do decreto, que estipula a nomeação de um interventor e, 24 horas depois, o pagamento de 68 mil OTNs para os herdeiros de Alberto Franco, antigo dono do terreno desapropriado em 1972, onde foi construído o fórum da cidade.

"De acordo com a lei, temos que pagar as desapropriações na ordem em que foram feitas. Antes da família Franco, 241 outras pessoas aguardam a quitação das dívidas da prefeitura. Se pagarmos esta primeiro, o caso não será de intervenção, mas de cassação de mandato", afirmou Ailton Muniz Menezes. O problema da prefeitura, então, deixa de ser as 68 mil OTNs, cerca de Cz\$ 30 milhões, e pula para Cz\$ 600 milhões, a quantia que deve ser paga às desapropriações anteriores ao terreno do Jardim das Flores.

Para arrecadar esse dinheiro, quase metade do orçamento anual da prefeitura, ela teria que fechar suas portas por — no mínimo — quatro meses, paralisar os projetos em andamento, suspender a limpeza e pavimentação de vias públicas, além de deixar de pagar os salários, já atrasados, de seus nove mil funcionários. "É impossível, só conseguiremos se o governo estadual ou federal liberar verbas", disse o vice-prefeito.

Mas a dívida das desapropriações do município, contraída, segundo Ailton Menezes, entre 1973 e 1978, na administração de Francisco Rossi, alcança Cz\$ 1 bilhão e 65 milhões, num total de 449 terrenos desapropriados. Apesar do grande endividamento, só Cz\$ 120 milhões foram destinados para esses pagamentos, Cz\$ 5 milhões já gastos na quitação de apenas 24 terrenos.

O próprio secretário da Fazenda admitia que esse valor, frente ao volume de dívidas, é muito baixo. "É claro que é muito pouco. Sempre será pouco se levarmos em consideração que nada foi pago nos últimos cinco anos." Se depender da prefeitura, os débitos não serão quitados nem no próximo ano. Com um orçamento aproximado de Cz\$ 4 bilhões para 1988, pouco mais de Cz\$ 88 milhões serão destinados ao pagamento de terrenos anteriormente desapropriados. "É preciso que fique bem claro que esta administração não contraiu nenhuma dessas dívidas", não se cansava de repetir o vice-prefeito.

Mais problemas

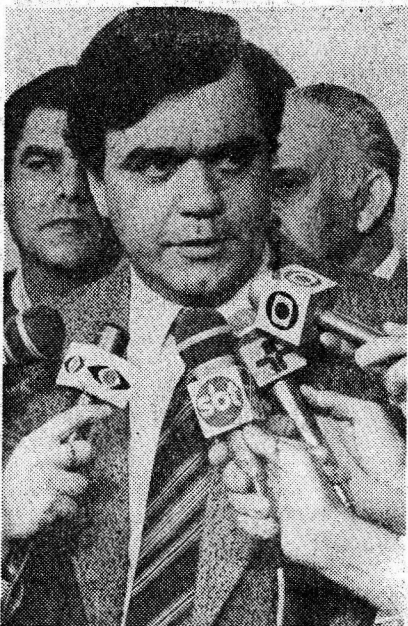
Com uma população de 700 mil habitantes, 70% dos quais recebendo de um a três salários mínimos, cem favelas que abrigam cerca de 40 mil pessoas e 47% de sua área sem tratamento de esgotos, Osasco é hoje uma cidade suja, endividada e cheia de problemas. Da falta de segurança ao precário sistema de transportes coletivos, ela sofre ainda com pouca arrecadação de ICM e ISS, que compõem 75% de sua receita global.

"Mais de 50% dos nossos habitantes se utilizam da cidade só para dormir. Toda esta força de trabalho, empregada geralmente em São Paulo, aumenta os rendimentos de outros municípios, e não os de Osasco", reclama Ailton Muniz Menezes. Além de ter um "orçamento magro", a prefeitura destina 80% dele ao pagamento de funcionários. "Mas estamos tentando enxugar", disse afirmando que as contratações continuam: "Mas só para os cargos essenciais, como os de vigia, jardineiro..."

Mas para quem nasceu ou mora na cidade há bastante tempo, a situação de hoje é fruto de um mau planejamento. "Eles só sabem criar conjuntos habitacionais, trazendo mais pessoas para morar aqui. Osasco precisa de indústrias e uma área específica para instalá-las. Ao invés de aumentar o número de moradores, dar emprego para os que já residem na região", disse Geraldo Perez Garcia, que mora há 25 anos na cidade.

A família Perez também reclama da falta de segurança e do crescimento descontrolado de favelas. "Quando mudamos para este bairro, da Bela Vista, podíamos ver da janela plantações e muito verde. Hoje, tudo está tomado por favelas e a antiga área verde se chama Buraco Quente", afirmou a mulher, Miriam Perez Garcia.

Na periferia, o problema ainda é maior. O zelador Mariano Avelino mora em uma casa alugada do Jardim d'Abril, bairro de ruas de terra, esgotos a céu aberto e praticamente invadido pelos favelados. "Lá não tem segurança nenhuma. Os favelados são tão perigosos que, quando temos problemas, nem tentamos pedir ajuda à polícia. Eles não atendem, por puro medo."



Ailton Muniz Menezes